

salubreCidade

RESUMO

O que é reconstruir? Talvez nada possa ser reconstruído, talvez toda reconstrução seja uma inovação; seja uma construção de certa forma. Antes mesmo do prédio ser construído, quem pensa no prédio, antes pensou no lugar, e o lugar já existia. Uma pirâmide Maia que hoje é uma montanha pois a floresta a cobriu, teve como base uma montanha já existente. Se retirássemos a floresta para reformar a pirâmide estaríamos construindo, reconstruindo ou destruindo?

Na cultura Guarani Mbyá e outras culturas dos povos originários do Brasil, a casa “é percebida como um elemento vivo que tem seus ciclos de vida e de morte associados às necessidades de cada grupo. Segundo Rapoport (1972), a casa é considerada como um ente de extensão do próprio ser e se caracteriza para além de uma estrutura física com função utilitária”.¹

Compreendemos então, uma simbiose entre as construções e os nossos corpos, mentes e natureza, definindo como nos movimentar, impondo o que vemos, moldando nosso corpo, afetando nosso subconsciente social e a percepção sobre nós mesmos ao nos vigiar. Portanto, nossa saúde está à mercê dos espaços e não-espaços que vivemos. Até na pandemia da Covid19 as construções se mostraram reguladoras da morte e da vida das pessoas. Os espaços das cidades, forjados pelo capital num processo de economia para o gasto mínimo e lucro máximo, funcionam como organismos debilitados que adoecem a natureza e as pessoas. Portanto podemos entender que soterrar os rios é soterrar nossas veias também, derrubar árvores é cortar também nossos bronquíolos, diminuir espaços é diminuir os corpos, modificar as paisagens é modificar o que pensamos e apagar histórias é apagar o que somos.

Reconstruir sem reconstruir nossas veias, bronquíolos, o que pensamos, nossa história e o que somos, é apenas a manutenção da nossa atual tragédia desconectada da vida.

¹ <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/72888/41219>

PROPOSTA

No contexto global que estamos vivendo atualmente, além dos sérios ataques que as democracias vêm sofrendo no mundo - nosso país não é exceção - estamos enfrentando uma pandemia que já causou inúmeras mortes e escancarou problemas sanitários caracterizados por deficiências habitacionais e urbanísticas nas cidades.

As próprias comunidades têm se organizado devido a ausência do poder público. Durante a quarentena no Paraisópolis, na capital paulistana, a comunidade passou a utilizar as escolas públicas para abrigar as pessoas mais vulneráveis, principalmente os idosos. Outro espaço que ressignificou a sua função social foi a Casa do Povo. Logo no início da quarentena, foi criada uma frente para cadastrar a comunidade do entorno no programa de auxílio emergencial. O centro cultural teve a sensibilidade de perceber as necessidades do território e trabalhar de acordo com elas. Além dessa ação abriram o espaço para criação de cooperativas para auxiliar mulheres em situação de vulnerabilidade social, entre elas as Mulheres da Luz² e imigrantes bolivianas.

A partir desse contexto propomos a reflexão acerca da construção, reconstrução e ressignificação da arquitetura como ferramenta de saúde pública. Uma vida saudável começa num ambiente digno e com infraestrutura adequada. A precariedade das áreas periféricas já tem sido uma preocupação apontada na “Carta à Sociedade, às Autoridades e aos Arquitetos e Urbanistas do Brasil”, divulgada em 2020 no Dia Mundial da Saúde.³

Para desconstruir o aparato e organismos urbanos que de certa forma nos adoecem numa espécie Alzheimer-histórico-social, propomos também, uma reconstrução da memória pela intervenção artística de maneira a modificar o ambiente e impactar quem passa por ali.

A mobilidade é também uma questão importante para não sofrermos de uma arteriosclerose da mobilidade, onde os centros urbanos não sejam o único destino dos fluxos culturais e de trabalho. Precisamos pensar a cidade como um todo, interagindo com lugares que a maioria das pessoas mal sabe que existe em grandes centros urbanos como Aldeias Indígenas, centros culturais periféricos e terras quilombolas. Propomos fortalecer as veias que nos unem às comunidades e ancestralidades.

RELEVÂNCIA

Compreendendo que o atual problema de saúde global não é, se não, o efeito de outras "doenças sociais urbanísticas" que permeiam problemas sociais e históricos. Olhar para essas questões por vários ângulos se torna fundamental, tentando criar um processo plural e que transforme o meio urbano em uma espécie de cura social. A isso se deve a

² <https://www.mulheresdaluz.com.br/>

³ <https://www.caubr.gov.br/carta-sobre-o-papel-da-arquitetura-na-saude-publica-repercute-na-midia/>

nossa escolha por trabalhar com uma equipe plural. Composta por uma arquiteta urbanista e artista visual paulistana; uma jornalista e gestora cultural interiorana; um engenheiro da computação e artista plástico mineiro de ascendência indígena e uma professora da rede pública e integrante do Movimento Ocupa a Cidade.

Segundo Paulo Freire, pensar a convivência na cidade é compreender o espaço, seja construído ou não, para além da estrutura meramente física, visto que precisamos perceber que “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”⁴. Deste modo, conseguimos entender a arquitetura como uma “forma silenciosa de ensino”, tendo o urbanismo social e a educação patrimonial como conceitos e práticas fundamentais para garantir o direito à cidade, contribuindo para ressignificar a conexão entre as pessoas e o território onde elas vivem, fortalecendo os laços de pertencimento e identidade dos cidadãos através de Cidades Educadoras⁵.

A especulação imobiliária, principal motor da gentrificação dos espaços públicos, promove um apagamento quase que irreparável na memória do povo e na relação entre humanos e o meio ambiente, vide o exemplo da capital paulista que tem seus rios e minas escondidos e soterrados, além de seus parques e locais de contato com a natureza serem constantemente agredidos. Encontrar meios para resgatar a história e sobrepor narrativas hegemônicas são saídas para recuperar saberes ancestrais e restabelecer ligações com conhecimentos mais voltados ao compartilhamento do que ao consumo.

Com avanço do capitalismo digital predatório as cidades se tornaram espaços de extração permanente de dados, de controle e modulação de comportamentos, reforçado por um discurso da segurança pública, ou de coleta de dados para melhorar o bem estar da população como vemos nesta pandemia (Covid19). No texto Coronavida: o pós-pandêmico é agora, Giselle Beiguelman aponta que “os que podem parar, ficar em casa, os imóveis, os que são rastreáveis, computáveis, vigiáveis e curáveis. No contexto “laboratorial” que a Coronavida impôs, no qual a cumplicidade com o monitoramento é também uma prerrogativa de sobrevivência, o não-rastreado é aquele para o qual o Estado já havia voltado as costas.”⁶ As alternativas para lidar com esses desafios contemporâneos passam por decisões democráticas e comunitárias. Como a governança coletiva de dados e as práticas colaborativas no desenvolvimento das tecnologias⁷, assim como os modelos de Open Source para desenvolvimentos de sistemas públicos.

⁴ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.50.)

⁵Ver mais em: <https://www.edcities.org/pt/>

⁶ <http://www.desvirtual.com/coronavida-o-pos-pandemico-e-agora/>

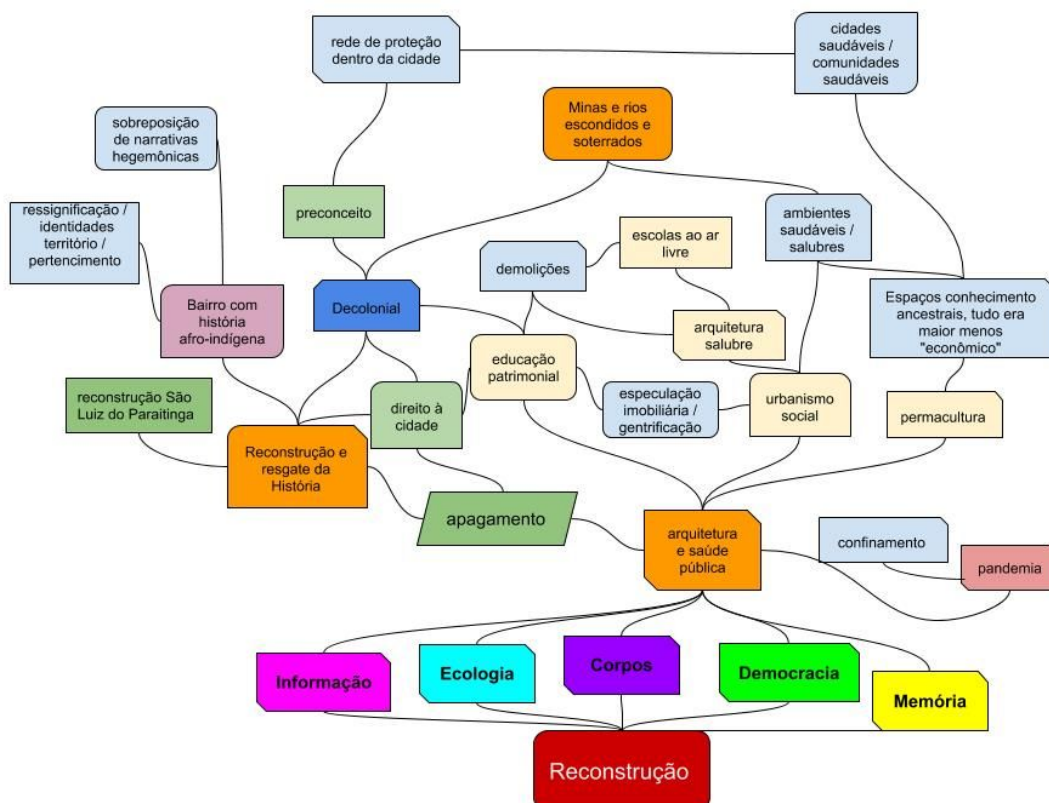
⁷ MOROZOV, Evgene; BRIA, Francesca. A Cidade Inteligente: Tecnologias Urbanas e Democracia. 1º edição. São Paulo: Ubu Editora, 2019

O foco do recorte curatorial é apontar a importância de criar e incentivar redes de proteção na cidade que vão atuar na reconstrução de comunidades saudáveis e democráticas.

JUSTIFICATIVA

Compreendemos que nossa vivência na cidade é perpassada por todos os eixos propostos. Vivenciamos a experiência da cidade pelo CORPO, nosso lugar inicial para todas as coisas. Corpo que afeta e é afetado. Pela MEMÓRIA, individual e coletiva. Pensando em como essa memória coletiva pode tornar mais acolhedor processos de (re)ocupação, (re)construção e (re)significação das cidades e todos os elementos que as compõem. Tais como os rios soterrados ou tamponados, por exemplo, dos quais só nos lembramos nos momentos de enchentes. Nesse ponto, precisamos olhar para ECOLOGIA como um pilar importante no planejamento das cidades, além do fato de sermos vigiados e monitorados o tempo inteiro, o que nos conecta com a INFORMAÇÃO, a geração de dados e a questão da segurança (ou ausência dela) nos espaços públicos. Todos esses caminhos nos levam a compreender que a DEMOCRACIA deve levar em conta o respeito a todas formas de vida e interligar nossas ações como cidadãos que compartilham da cidade.

IMAGEM SÍNTESE



PROGRAMA

EXPOSIÇÕES

- **Exposição Mista:** O Museu do Isolamento é o primeiro museu online do Brasil que produziu um retrato da realidade vivida neste momento histórico que atravessamos. Serão expostas de forma física obras realizadas por artistas durante o período de isolamento social.
- **Exposição Audiovisual:** Exibição das séries de vídeos “História do Dia”, do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), transmitido no Instagram, que mostra depoimentos concedidos ao MSTC, a preocupação é relatar o impacto da pandemia nos moradores de ocupações e “Tem Alguém em Casa?”, do jornalista Bruno Torturra, transmitido no Instagram, entrevistas comentam a situação das favelas e dos desabrigados.
- **Exposição de Obra:** Escultura Portal de Omolu, que apontará para o Centro de Culturas Negras do Jabaquara onde existe um portal e um projeto de portais que tem a intenção de se espalhar por vários museus centralizados e importantes. Será executado pelo Artista preto periférico Grillo. Essa escultura tem o objetivo de fazer uma ponte dos centros culturais mais conhecidos ao CCNJ e chamar a atenção para centros culturais periféricos. A obra deverá ser instalada preferencialmente no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Seja no vão caso a pandemia esteja ainda acontecendo, ou dentro do museu. A obra é uma oportunidade para o museu centralizado dar visibilidade a pessoas pretas e periféricas, assim como visibilidade a outros centros culturais também periféricos e chamar quem visitar a obra para também visitar esses outros museus. Colaborando para uma descentralização cultural, e uma diversidade na cultura.

INTERVENÇÕES URBANAS TEMPORÁRIAS

- Serão convidados os coletivos PROJETERMOS e MEIO FIO para desenvolver ações que retomam a memória coletiva local. Em parceria com o Pacto Pelas Cidades Justas, as intervenções serão realizadas nas comunidades atendidas pelo programa, nos seguintes bairros: Jardim Guarani, Jardim Pantanal, Parque Pinheirinho D’Água, Jardim Lapenna e Parque Novo Mundo.

- Painel para coleta de relatos, desenvolvido em parceria com o Museu da Pessoa, terá como ponto de partida a provocação: Nossa saúde está à mercê dos espaços e não-espaços que vivemos. Até na pandemia da Covid19 as construções se mostraram reguladoras da morte e da vida das pessoas. Como foi o período de pandemia na sua casa? A arquitetura foi um limitador do seu bem estar físico e/ou mental? O equipamento será instalado tanto em centros culturais descentralizados quanto em um ponto da Av. Paulista e a interação do público será mediada por agentes locais que orientarão sobre o uso.

CONFERÊNCIAS

Conferências de Abertura

- *Convidado: Pedro Macena, liderança indígena do Território do Jaraguá - Aldeia Tekoa Itakupe.*
 - Discutirá o tema “Infraestrutura de reservas indígenas em contextos urbanos”. A mesa trará uma perspectiva sobre os processos de interações/apagamentos entre indígenas e comunidade local e quais os desdobramentos e impactos para cultura de construção dos povos originários.”.
- *Convidado: Adriano Sampaio, responsável pela iniciativa Existe Água em SP.*
 - Compartilhará suas pesquisas e experiências adquiridas nas expedições que buscam rios e nascentes esquecidos na cidade de São Paulo, com intuito de recuperá-los e protegê-los.

Conferência de Fechamento

- *Convidados: Giselle Beiguelman, autora do livro Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana, Carmem Silva, coordenadora do MSTC - Movimento dos Sem Teto do Centro e Bruno Torturra, jornalista e idealizador do Mídia Ninja.*
 - Abordará os impactos do coronavírus no cotidiano das pessoas de diferentes extratos sociais e condições de habitação. A supressão do espaço público e a precarização das relações de trabalho são alguns dos temas abordados.

EQUIPE CO-CURATORIAL

Darly Prado Gonçalves - gestora cultural e mestra em divulgação cultural

Elaine Santana - professora de educação infantil, artista visual e mestranda em Fundamentos de Ensino e Aprendizagem da Arte

Marcia Braga Candido - arquiteta e artista visual

Tiago Neves - engenheiro da computação e artista plástico

CURRÍCULOS

Darly Prado Gonçalves

Natural de São Luiz do Paraitinga, graduada em Jornalismo, especialista em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação Sesc São Paulo e mestra em Divulgação Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. Atua como produtora cultural de artistas e eventos em sua cidade natal e é curadora e coordenadora geral, desde 2012, do evento Balaio das Artes São Luiz do Paraitinga. Integrou equipes de comunicação de instituições como SESC, no interior e na capital, e no serviço público, como Diretora de Comunicação da Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, e Assessora Técnica de Gabinete, na comunicação interna na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Autora ou co-responsável pela elaboração de dezenas de projetos aprovados no ProAC editais e contribui frequentemente para o fortalecimento da identidade cultural de São Luiz do Paraitinga. Em 2019 teve sua dissertação de mestrado (Rolando Boldrin e o Programa Sr. Brasil - História de amar um país) selecionada no Prêmio Marcus Pereira de Pesquisa em Música Popular Brasileira e será publicada em 2021 pela Editora Flor Amorosa. Também foi convidada para compor a coletânea de escritores luizenses que resultou em um livro chamado "O Rabo do Tatu" e colabora com o Acervo Maracá, redigindo e revisando textos sobre cultura popular para alimentação do site.

Elaine da Silva Santana

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário São Camilo e Artes Visuais pela UNIMES. É Professora da Rede Municipal de São Paulo desde 2016. Está na Educação Infantil desde 2019, na EMEI Professor Alceu Maynard de Araújo. Coautora do Projeto Oyá que Legal - Robótica para crianças e do Projeto Tramas e Territórios, que foi apresentado no 29º encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) em Setembro de 2020. Devido a esse projeto recebeu o Prêmio de Aprendizagem Solidária e foi finalista no Prêmio Educador nota 10. Integrante do Movimento Ocupa Cidade em São Paulo desde 2020. Atualmente pesquisa sobre Práticas Decoloniais no Ensino de Artes na ECA/USP.

Marcia Braga Candido

Nascida em São Paulo, formou-se em Arquitetura e Urbanismo em 2018 pela FIAAM-FAAM com o trabalho de conclusão de curso “Beco da Cultura - Um novo caminho para a Favela da Mauro”, pesquisa sobre o processo de tomada de espaço público e a relação de pertencimento criada entre a população e este “Beco”. Em 2020 concluiu a pós-graduação em Arquitetura, Educação e Sociedade, na Escola da Cidade, pesquisando sobre escolas ao ar livre. Sócia da empresa Trique Arquitetura e Urbanismo.

Como desenhista autodidata, sempre produziu de forma espontânea e orgânica. Em 2018 iniciou o curso “Técnicas de desenho e ilustração” na Escola Britânica de Artes Criativas - EBAC, com a arquiteta Renata Pedrosa, mesmo ano em que elaborou a série de desenhos “Aberturas - Portas”, inspirada no casario da cidade de São Luiz do Paraitinga, após anos de observação e vivência com o cenário local. Também desenvolve esculturas e projetos visuais para encartes de CD's e capas de livros, além de ser atuar na produção de eventos artísticos e culturais.

Tiago Neves

Especialista em Gestão de Projetos no desenvolvimento de novas tecnologias e artista plástico. É formado em Engenharia da Computação pela Universidade de São Paulo.

Também tem cursos pela Harvard University em Int. Computer Science, na Stanford University em JS images manipulations, no MASP - Arte Contemporânea e Moderna, na Pinacoteca do Estado de São Paulo - História da Arte da Amazônia.

Desde dos anos 90 busca uma decolonialidade na arte já tendo realizado diversos trabalhos nas áreas das artes musicais e plástica, além de trabalhos educacionais voltados para arte e tecnologia. Seu último trabalho foi exposto no Centro de Culturas Negras do Jabaquara, chamado O Portal de Onan. Seus trabalhos em gestão de projetos do desenvolvimento de novas tecnologias inclui o projeto oyaquelegal.org onde se desenvolve tecnologia que visam uma educação tecnológica voltada para a arte e descolonização.

CRONOGRAMA

CRONOGRAMA 13ª BIA [salubreCidade]																						
	2021												2022									
	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
PRÉ-PRODUÇÃO																						
Pesquisa de Curadoria	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x								
Planejamento/Cronograma			x	x	x					q												
Checagem do Orçamento				x	x																	
PRODUTO 01: Proposta de Co-Curadoria Detalhada e Ajustada							x															
PRODUÇÃO																						
PRODUTO 02: Projeto de Co-Curadoria e Desenvolvimento dos editais para as chamadas abertas						x	x	x														
Chamadas Abertas								x	x													
PRODUTO 03: Projeto Final da Curadoria									x	x	x											
Produção da Exposição											x	x	x									
Identidade Visual						x	x															
Expografia e Sinalização											x	x	x	x	x							
Divulgação								x	x	x	x	x	x	x	x	x						
Montagem												x	x	x								
PÓS-PRODUÇÃO																						
Design de Publicação																x	x	x	x			
PRODUTO 04: Relatório Final e Publicação																		x	x	x		

ORÇAMENTO

ITEM	DESCRIÇÃO	DETALHAMENTO (EM TÓPICOS)	VALOR ESTIMADO
1	PRÉ-PRODUÇÃO		[R\$ 313.800,00]
1.1.1	Curadoria Seleccionada	- 4 curadores por 15 meses	R\$ 200.000,00
1.1.2	Equipes Técnicas auxiliares à Curadoria Seleccionada	- 1 assistente de pesquisa por 6 meses - 1 colaboradores por 1 mês	R\$ 7.200,00
1.1.3	Chamadas Abertas	- 5 jurados por 1 mês para chamada de exposições - 5 jurados por 1 mês para chamada de intervenções urbanas	R\$ 15.000,00
1.1.4	Projeto Expográfico	- Projeto expográfico que contemple 7 espaços expositivos distintos	R\$ 54.000,00
1.1.5	Projeto de Comunicação Visual	- Elaboração da identidade visual da 13ª Bienal; - Projeto visual do site; - Diagramação de peças gráficas para divulgação da 13ª Bienal (banners, cartazes, redes sociais, etc)	R\$ 37.600,00
2	PRODUÇÃO		[R\$ 561.200,00]
2.1	EXPOSIÇÃO E INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS		
2.1.1	Espaço físico e necessidades estruturais prévias	- Montagem da cenografia – material e mão de obra; - Projeto elétrico; - Material para intervenções temporárias; - Locação de equipamentos (de luz, de som, de projeção, etc)	R\$ 100.000,00
2.1.2	Equipe técnica	- Montagem e desmontagem de trabalhos; - Montagem e desmontagem das intervenções temporárias; - Instalação de sinalização e da comunicação visual; - Montagem da iluminação; - 6 carregadores por 6 dias; - 15 Diárias de Manutenção	R\$ 100.000,00
2.1.3	Conteúdo	- Material para as intervenções temporárias; - Material para as obras seleccionadas; - Produção de obras seleccionadas; - Revisão e tradução de textos; - Acessibilidade.	R\$ 60.000,00
2.1.4	Logística	- Fretes e pequenos transportes; - Armazenagem de obras	R\$ 40.000,00
2.2	CONFERÊNCIAS		
2.2.1	Convidados	- Remuneração de 5 conferencistas; - 10 diárias de hospedagem; - Seguro Viagem.	R\$ 40.000,00

2.2.2	Logística	- 2 Tradução Simultânea das Conferências; - 1 Transcrição das Conferências; - 1 Tradução da Transcrição das Conferências; - 2 Interpretes de libras.;	R\$ 25.600,00
2.3 PALESTRAS E OFICINAS			
2.2.1	Convidados	- conforme indicações do IAB (pagamentos de cachês, transportes e hospedagens)	R\$ 60.000,00
2.2.2	Logística	- Tradução simultânea das Palestras e Oficinas; - Transcrição das Palestras e Oficinas; - Tradução da Transcrição Palestras e Oficinas.	R\$ 25.600,00
2.4 ADMINISTRATIVO			
2.4.1	Despesas Operacionais	- Compra de Materiais Diversos; - Correio/Remessas; - Motoboy; - Transporte das Equipes.	R\$ 20.000,00
2.4.2	Encargos	- Taxas e impostos; - Alvarás, certificados, laudos, liberações, etc.; - Direitos Autorais e Cessão de Imagem; - ECAD; - Seguro de responsabilidade civil; - Encargos trabalhistas.	R\$ 30.000,00
2.5 COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO			
2.5.1	Sinalização e Comunicação Visual	- 20 texto de parede - 10000 Folders; - 100 Legendas.	R\$ 15.000,00
2.5.2	Divulgação	- 20 Banners; - 500 Cartazes; - impulsionamento de publicações em mídias sociais oficiais	R\$ 20.000,00
2.6 EVENTOS			
2.6.1	Abertura	- contratação de empresa prestadora de serviço de coquetel para convidados	R\$ 25.000,00
3	PÓS-PRODUÇÃO		R\$ [125.000,00]
3.1 PUBLICAÇÃO			
3.1.1	Diagramação	- Diagramação de publicação digital e impressa com 150 páginas	R\$ 10.000,00
3.1.2	Impressão	- Impressão de 1000 exemplares	R\$ 65.000,00
3.2 REGISTRO			
3.2.1	Cobertura	- Cobertura em foto e vídeo dos eventos da 13ª Bienal; - Registro fotográfico das exposições e edição das imagens; - Streaming das conferências e das palestras e debates; - Vídeo-síntese.	R\$ 50.000,00
			R\$ 1.000.000,00